

O sétimo número da *Revista M.* traz para seus leitores e leitoras um tema complexo, atual e socialmente sensível. O Dossiê "*Suicídio, seus sentidos histórico-sociais e o sofrimento humano*", organizado pelo historiador e professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Fábio Henrique Lopes, e por Fernanda Marquetti, terapeuta ocupacional e professora no Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo, é uma oportunidade de discussão sobre uma temática quase sempre encoberta por preconceitos e tabu.

As diversas áreas do conhecimento aqui reunidas permitem situar o tema numa interseção que leva a compreender a dimensão dos sentidos que o suicídio pode adquirir na experiência humana. O *Dossiê*, composto por seis artigos, inicia-se com o texto da historiadora da Universidade do Rosário, Colômbia, Adriana María Alzate Echeverri, intitulado *La servidumbre y la muerte. Notas para el estudio de los suicidios de esclavos en Brasil siglo XIX*, que enfoca o Oitocentos. Os demais artigos atualizam temporalmente o tema do suicídio, passando a tratá-lo na contemporaneidade. É assim – sob um olhar para o tempo presente – que podem ser situados os artigos: *O comportamento suicida na realidade brasileira: aspectos epidemiológicos e da política de prevenção*, de Daniel Augusto da Silva, do Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis, e de João Fernando Marcolan, da Universidade Federal de São Paulo, ambos pesquisadores da área de Enfermagem; *Imagining terminality: anticipations of suicide with assistance in Switzerland*, de Marc-Antoine Berthod, Alexandre Pillonel e Dolores Dransart, da Universidade de Ciências e Artes Aplicadas da Suíça Ocidental, e de Antony Stavrianakis, do Laboratório de Etnologia e Sociologia Comparada, Natterre, França; *Os enunciados da morte na constituição sócio-histórica do sujeito em mortificação e suicida*, de Fernando de Almeida Silveira, psicólogo da Universidade Federal de São Paulo; *Suicídio*

por contágio e o papel das mídias de comunicação em massa, de Esther Hwang, psicóloga do Instituto Gestalt de São Paulo, e de Maria Júlia Kovács, do Instituto de Psicologia, da Universidade de São Paulo e, por fim, *Um olhar antropológico sobre o suicídio: devir, formas de vida e subjetividades*, de Thiago Nagafuchi, doutor em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo. O resultado desta reunião de artigos é um profícuo debate, que não apenas questiona o que é o suicídio, como também o problematiza, apontando para novos tratamentos teóricos, conceituais e metodológicos do tema.

A seção **Artigos Livres** é composta por quatro análises que, sob diferentes abordagens, enfocam a morte violenta por vezes produzida pelo aparelhamento do Estado ou decorrente da omissão deste, devido à falta de políticas públicas voltadas à justiça e paz social. *“Que la sangre de un policía no seque rápido”*. *Sentidos otorgados a la muerte en la práctica de activistas vinculados a instituciones policiales en Buenos Aires, Argentina* é escrito por Santiago Galar, professor no Centro Interdisciplinar de Metodologia de Ciências Sociais, do Instituto de Investigação em Humanidades e Ciências Sociais, de Buenos Aires. Neste artigo, o autor analisa a representação da morte entre membros das forças policiais de segurança pública da Polícia Federal Argentina, que convivem com a morte em seu cotidiano laboral, como marca distintiva da profissão. Com base em dados quantitativos e em entrevistas com membros de organizações de familiares de policiais, Galar enfoca o que está por trás da saúde mental e psíquica desses profissionais que têm o risco de morte como elemento estruturante das suas condições de trabalho. Na luta pelo reconhecimento do papel dos policiais, membros “ativistas” das corporações se empenham para que sejam mantidos, na memória social e institucional, o sacrifício e o heroísmo dos agentes falecidos.

No artigo *El campo burocrático del anonimato: agentes, instituciones y recorridos del cuerpo muerto N.N. en Tres de Febrero y San Martín (Provincia de Buenos Aires, Argentina)*, Barbara Martinez e Silvia Laura Carlini Comerci, da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, investigam, por um viés antropológico, como os agentes burocráticos lidam com os mortos, por intermédio de regras e ferramentas que muitas vezes não se enquadram nos princípios legais. Tomando como observação os casos de cadáveres encontrados sem identificação, as autoras trabalham para demonstrar a relação íntima que se estabelece entre a lei e a exceção em governos mais recentes e democráticos, diferentemente das análises que costumam focar o tema nos contextos dos regimes ditatoriais latino-americanos. O texto revela, então, que os desaparecimentos são resultado de uma multiplicidade de violências heterogêneas e multidirecionais, originadas em esferas marcadas pelas desigualdades sociais, que geram problemas, “como o tráfico de pessoas, assassinatos por corrupção, violência institucional, conluio policial, entre muitos outros”.

Marina Gabriela Liberatori, antropóloga da Faculdade de Filosofia e Humanidades da Universidade Nacional de Córdoba, é autora do terceiro artigo desta seção, intitulado *A mi hijo lo eligió dios. Un análisis sobre las moralidades en torno a muertes violentas en villa La Tela (Córdoba-Argentina)*. Sob perspectiva etnográfica, Liberatori convida a refletir sobre os julgamentos morais em torno de vítimas de mortes violentas. Comparando a trajetória de vida de dois jovens da vila de La Tela, em Córdoba, um envolvido com pequenos delitos e o outro

considerado um “bom menino”, a autora questiona o quanto há de relação entre uma conduta criminosa e as moralidades que se constroem em torno do julgamento de suas mortes. A questão que o artigo propõe é pensar nos vínculos existentes entre as acusações morais sobre os jovens mortos e as reivindicações por justiça por parte de suas famílias, assim como a luta para limpar a memória do morto, para que sua morte possa ser considerada lamentável.

Encerra esta seção o artigo *“Reaprender a viver”: os sentidos da morte e do sofrimento entre mães que perderam filhos*, de Aline Ferreira de Faria, do Departamento de Comunicação da Universidade de Quebec, e Kátia Lerner, pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz, junto ao Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde. Com base em uma série de entrevistas, objetiva compreender os aspectos que envolvem o sofrimento de mães que perderam seus filhos e os sentidos socialmente construídos acerca desse tipo de perda. Aqui, a morte é colocada sob a mira de classificações sociais que criam tipologias cujas categorizações de “morte heroica”, “morte trágica” ou “morte merecida” afetam e impactam diretamente o modo como essas mães sentem, expressam e expõem nas mídias e no espaço público o momento mais difícil de suas vidas.

A seção **Em Campo**, em diálogo com o **Dossiê** e com os **Artigos Livres**, traz o artigo *Grupo de Apoio aos Enlutados pelo Suicídio: uma experiência de posvenção e suporte social*, de autoria de três profissionais da Psicologia voltadas a tratar e cuidar do sofrimento daqueles que vivenciam o luto decorrente do suicídio de um ente querido. Karen Scavacini e Elis Regina Cornejo, do Instituto Vita Alere de Prevenção e Posvenção do Suicídio, e Luciana França Cescon, Psicóloga da Prefeitura Municipal de Santos, revelam a experiência de trabalhar com familiares que, de modo geral, são tomados pelos sentimentos de culpa, desamparo, raiva, vergonha ou embaraço pelo suicídio ocorrido muitas vezes no interior de seus lares. O foco das autoras incide sobre o debate e os relatos das diversas formas de ação e atividades que podem ser lançadas na pósvenção do suicídio, com o objetivo de dar acolhimento, apoio e suporte aos sobreviventes enlutados pelo suicídio.

William de Souza Martins, professor de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, assina a **Resenha** de *O regresso dos mortos: os doadores da Misericórdia do Porto e a expansão oceânica (séculos XVI-XVII)*, livro de Isabel dos Guimarães Sá, pesquisadora que tem se dedicado a investigar os doadores das Misericórdias portuguesas, sob o enfoque inovador da microanálise e das histórias conectadas. A obra volta-se para os estudos de casos e das trajetórias individuais dos doadores, mostrando que este tipo de abordagem pode revelar ainda mais sobre a complexidade daquelas instituições religiosas, tão fundamentais no Império português.

Assim, fechamos mais uma edição da **Revista M.**, que busca apresentar aos leitores e leitoras, sejam da academia ou da comunidade em geral, temas sensíveis que afetam nossas formas de sentir e representar a morte. O suicídio, de um lado, e a morte violenta, de outro, têm se mostrado, infelizmente, características marcantes das sociedades contemporâneas. Tal panorama consiste em motivo pelo qual julgamos ser esta uma edição necessária para promover o debate, a reflexão e indicar novas possibilidades de pesquisas. Esperamos que apreciem o que preparamos.

Claudia Rodrigues e Mara Regina do Nascimento (Editoras)

